

WAGNER UARPÊIK

REBELIÕES ESTUDANTIS



*Passé Livre, movimento independente,
geração subterrânea, e outras notas
sobre política e universidade*

[entrevistas retrospectivas e prospectivas]

ESPREITA

<i>Sobre a terceira edição</i>	[7]
<i>Apresentação</i>	[9]
<i>Entrevistas</i>	[15]
<i>Memorial de fotos, cartazes, e trechos de jornais e zines</i> [2002-2006]	[83]
<i>Índice inconcluso de nomes próprios e termos mencionados</i>	[119]
<i>Sobre o autor</i>	[131]

Apresentação

WAGNER UARPÊIK

Maio de 2023

Escrever um livro é se exorcizar, se despedir, se livrar. A necessidade de digerir bem o passado me engravidou este livro, que se alimentou de fatos ocorridos entre 2002 e 2006, época em que cursei ciências sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e participei do nascimento de agitações sociais emblemáticas daquela geração: Movimento Passe Livre, movimento estudantil independente, Intelecto Subterrâneo, Projeto Dada Unigo...

Mas os rios retrospectivos não avançariam muito além do lago biográfico, historiográfico e natalense, sem um intento que os conduzisse ao oceano do futuro nacional. A maior virtude do passado é servir o presente. Não se trata, portanto, de adubar saudosismos, ou de semear apenas entre historiadores e conterrâneos; mas de apoiar as atuais e futuras safras estudantis brasileiras. Busquei

honrar a vontade de compreensão e a vontade de transformação.

Não pretendo que esse livro seja ou soe como a única versão dos fatos e pessoas aqui abordados. Apesar do esforço de oferecer verdades transpessoais, “Rebeliões Estudantis” foi criado por uma pessoa. Que outras contem suas próprias histórias, e em voz alta – como deve fazer quem prefere doar suas próprias sementes, ao invés de maldizer as alheias.

Não é somente por afinidade estilística e economia de tempo que lhes sirvo entrevistas. As perguntas [feitas entre outubro de 2017 e julho de 2018, pela internet ou frente a frente, enfileiradas por mim, nem sempre cronologicamente, e respondidas entre outubro de 2017 e outubro de 2018], filhas de pessoas de temperamentos, trajetórias e inclinações políticas variadas, invocam demandas pessoais e coletivas, e me estimularam a deixar certas zonas de conforto e derivar de maneira imprevista.

Agradeço a solidariedade, empenho e franqueza dos amigos indagadores que me ajudaram a parir esta síntese, homenagem, esperança, e convite. Senhoras e senhores, nossos aplausos para:

- **Camille Suellen:** potiguar, cursou seis semestres de ciências sociais, e decidiu recomençar no âmbito das Práticas Integrativas e Complementares de Saúde, e na facilitação de círculos relacionados à Cultura de Paz.
- **Gilles Fournieur:** francês, liberal e jornalista.
- **Igor da Matta:** carioca, historiador, professor do ensino médio, e socialista.
- **Lina Marcela Arredondo:** colombiana, psicóloga e tradutora.
- **Nivaldete Ferreira:** nascida em Nova Palmeira (Paraíba) e radicada em Natal desde 1972; professora aposentada pelo Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; autora de “Sertania” e “Trapézio e outros movimentos” [poesia], “Memórias de Bárbara Cabarrús” [romance], e “Entre o carrossel e a lei” [teatro], entre outras produções.

- **Sabrina Pereira:** potiguar radicada, historiadora, e professora de filosofia e história no ensino médio; ex-ativista do movimento estudantil independente.
- **Susanne Soares:** cearense, cientista social, feminista, ativista e migrante.
- **Túlio Madson:** potiguar, filósofo, jornalista, e professor universitário; ex-ativista da Revolta do Busão*.

Minhas pausas, ritmos, neologismos, intensidades, melodias e regras podem ser presentidas; mas o guia de estilo publicado em meu site [“Meu texto, minhas regras”] ajuda. O réu se declara popularmente, musicalmente, oralmente, experimentalmente e soberanamente inocente de inúmeras e deliberadas incompatibilidades -- sobretudo pontuacionais -- com os “gramáticos” brasileiros.

* Salvas poucas alterações ortográficas secundárias, e acréscimos relativos à naturalidade ou à nacionalidade, as apresentações dos perguntadores são autodescrições.

Entrevistas

[Lina Marcela Arredondo] *Entre 2002 e 2006, sua geração acadêmica viveu acontecimentos políticos e intelectuais relevantes na capital do Rio Grande do Norte. Você integrou e até deu início a alguns desses processos. Gostaria que traçasse um panorama geral a respeito.*

[Wagner Uarpêik] Convém dizer que “tudo começou” numa zona “psicogeográfica” que continua sendo um dos mais notáveis parques de diversão e incubadora política do Rio Grande do Norte: o Setor de Aulas 2 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte [UFRN]. Estamos falando de um lugar onde estudantes já fizeram fogueiras com cadeiras de sala de aula; de vez em quando aparecem pessoas caminhando nuas; e uma das canções mais cantadas pelos “nativos” da década passada ensinava: “A vida é rock and roll! / A vida é hardcore! / Sem medo de morrer, sem medo de viver / Liberte-se! / Não é como a vela que

se apaga em meio à madrugada” [“Rock Blues Jam” – Ameaça Subterrânea].

Ao contrário do que sucede com a maioria dos ativistas estudantis dedicados, minha estreia no movimento foi absolutamente improvisada. Durante as eleições para o centro acadêmico [CA] de ciências sociais da UFRN, em 2002, fui convidado para integrar a chapa “Os Outros”, que defendia propostas como a descentralização política do “governo” estudantil, a regulamentação da sociologia no ensino médio, a reforma da grade curricular do curso de ciências sociais, e a promoção de eventos artísticos. Nos desagradava a gestão do grupo de orientação petista que buscava se eleger pela segunda ou terceira vez. Era evidente que ela operava desconectada dos demais estudantes, alienada numa agenda partidária, genérica e “nacional” indiferente às nossas necessidades mais urgentes, locais, específicas. Minha turma de calouros – da qual, não por acaso, veio a maior parte dos votos que nos elegeram – estava interessada em eventos musicais e serviços de fotocópias melhores, não em ouvir sermões

contra o “neoliberalismo”, e gritar palavras de ordem em passeatas.

Tragicomicamente, de certa forma “Os Outros” foram os mesmos: apesar das intenções sinceras, quase todos eram indisciplinados, conflitivos e apáticos demais para cumprir as exigentes metas de campanha. Bem, pelo menos “contribuímos com o debate”, nos divertimos um pouco, e ajudamos a reformar a grade curricular do curso e a abrir caminho para o crescimento das ondas apartidárias, antiaparelhistas e horizontalistas [ou seja, comprometidas com a democracia direta e igualitária] que cresceriam bastante nos anos seguintes, na UFRN e em muitas universidades públicas brasileiras.

Lula sentava no trono, e os movimentos iniciais do primeiro governo de esquerda da era “democrática” brasileira provocavam euforia, alívio, frustração e conflito dentro das esquerdas. A reforma universitária governista, que desagradava boa parte dos esquerdistas, talvez tenha motivado a primeira grande batalha política que o movimento estudantil travou contra

Nesse sentido, creio que essas associações morreram ou se enfraqueceram por pelo menos um dos seguintes motivos: vontades fracas e dispersas, estratégias inadequadas, e falta de clareza nos objetivos. Quando um grupo é arrastado para baixo por forças desse tipo, as demais só apressam sua inevitável queda.

Seja como for, não é inteligente esperar que adolescentes sejam coerentes, disciplinados e sagazes. Tudo ali ainda era demasiadamente experimental, sexual, emocional, tonal. É uma pena que na estação da vida em que brotam mais flores, normalmente ainda sejamos tão imaturos para cultivá-las.

[Igor da Matta] *E o legado positivo?*

Seja onde for, a luta pelo “poder”, como o Anel de Sauron, atrai não apenas os maus, mas o que existe de pior nos bons. Foi preciso que eu passasse por tudo aquilo para compreender que a política estudantil ainda será por muito tempo uma versão em escala menor da guerra política tradicional. A promiscuidade e prepotência

da “dinastia” petista no governo federal, por exemplo, só surpreenderam aqueles que não viveram de perto os movimentos estudantil e/ou sindical.

As rebeliões em que estive foram laboratórios iniciáticos. Quem esteve ali teve a chance de aprender lições morais e políticas elementares, meu caro Igor Watson.

Ademais, a autonomia, a brincadeira e a democracia direta surfaram todas aquelas ondas. O Subterrâneo as viveu de maneira mais instintiva, hedonista e intelectual. O Movimento Passe Livre, o Projeto Dada Unigo, e o movimento estudantil independente, as viveram de maneira mais ativista, militante, política.

Até onde pude saber, embora ocasionalmente liderados por marxistas e petistas, a maioria dos agrupamentos locais do MPL [com maior frequência liderados por anarquistas e autonomistas] reivindicaram e encarnaram genuinamente o apartidarismo, o horizontalismo, a autonomia e a independência. Nenhum outro movimento social brasileiro conseguiu captar, explicitar, costurar e massificar esses

princípios melhor do que o Passe Livre. Seu vanguardismo moral afetou milhões de pessoas. O MPL convenceu e obrigou o Brasil a falar sobre um tal de “horizontalismo”: princípio político e método de autodefesa aplicado por estudantes de 17 anos, no Ocupa Escola, e por senhores de 50 anos, na Greve dos Caminhoneiros. No Brasil, já se falou tanto em horizontalismo, movimento sem dirigentes e democracia direta quanto nos últimos anos? Essas expressões e suas consequências desfilam hoje no imaginário coletivo, acadêmico e midiático graças a movimentos como o Passe Livre e o *Occupy Wall Street*.

O lado fraco do horizontalismo inclui a propensão a confundir democracia direta com livre tagarelice, liderança com tirania, empoderamento com sectarismo, e também a, correntemente, tornar a deliberação coletiva mais lenta do que nos modelos verticais. Contudo, o lado bom desse princípio compensa seus riscos e falhas: impedir ou dificultar a corrupção e aparelhamento de um movimento social é uma questão de higiene básica.

Devemos sempre procurar as raízes dos fatos, problemas, ideias e pessoas.

Quando comecei a suspeitar de que as mais valiosas revoluções sociais jamais viriam da política, da guerra de classes, e da eterna batalha ideológica de opostos equivalentes, comecei a entender as raízes da miséria humana. Elas são muito mais antigas e poderosas do que qualquer sistema político.

[Nivaldete Ferreira] O apartidarismo está para além do bem e do mal?

Em seu nível mais amplo, o aparelhismo se manifesta em atos como parasitar a Petrobras e desviar dinheiro de obras públicas para fins partidários. Num nível menor, o aparelhismo partidário se manifesta em atos como parasitar entidades estudantis e sindicais, e desviar dinheiro de taxas, calouradas, contratos com gráficas...

Partidos como PT, PSB e PCdoB se especializaram em se alojar em entidades estudantis por anos, décadas. Herdeira do stalinismo,

a União da Juventude Socialista costumava agredir e intimidar estudantes, saquear CAs e DCEs, e manipular votações e decisões em congressos estudantis.

O apartidarismo me parecia um princípio antiaparelhista, um escudo contra o aprisionamento de um movimento ou instituição por um partido político. Os partidários – e os “apartidários” mais hostis com os partidos – costumavam confundir apartidarismo com antipartidarismo. Também por isso, muitos apartidários e partidários preferiam usar o termo “suprapartidarismo”: expressão mais adequada para indicar precisamente a rejeição ao aparelhamento partidário, e não à existência dos partidos.

O apartidarismo/suprapartidarismo convidava os partidários a contribuírem com o poder de seus argumentos e propostas cotidianas, ao invés de concentrarem seus esforços em “tomar o poder”. Convidava os partidos a ouvir mais do que falar, a obedecer mais do que comandar, a servir mais do que serem servidos.

Infelizmente (ou nem tanto) após fracassarem em suas tentativas de se instalar na direção

de uma entidade ou movimento, a enorme maioria dos partidários, com raras exceções, abandonava o “debate”; o que jogava mais lenha na grande fogueira juvenil da desconfiança e revolta para com os partidos.

As juventudes partidárias têm muito a aprender com os independentes. A incapacidade de compreender e respeitar o apartidarismo estudantil é parte do fracasso político dos partidos de esquerda, autocentrados e obsoletos. O partido político brasileiro que conseguir decifrar, empolgar e encarnar os interesses de certos setores estudantis independentes realizará proezas políticas incríveis.

O verdadeiro apartidarismo é um princípio sábio para qualquer movimento social. Sem ele, o MPL não teria conquistado a admiração de milhões de jovens e estudantes. O antipartidarismo, disfarçado ou não de apartidarismo, é um princípio autoritário e atualmente inviável, venha de um defensor da Escola sem Partido ou de um anarquista.

Em que pesem sua agilidade comunicacional e eficácia política, o adjetivo “apartidário”

Memorial de fotos, cartazes, e trechos de jornais e zines

[2002-2006]

A maior parte das imagens integra meus arquivos pessoais. Agradeço a Shilton Roque, Heloisa Fonseca, Aetius Max Negreiros e Maria Aparecida de Almeida Rego, pelos arquivos digitais e materiais impressos atenciosamente cedidos em 2018.

Por economia textual e limitações mnemônicas minhas, nem todos os fotografados tiveram seus nomes mencionados. Lacunas solucionáveis em futuras edições.

É possível que algumas imagens sejam de anos adjacentes ao período supracitado.

Em meu instagram há outras imagens ligadas ao tema deste livro. No youtube, há vídeos sobre obras e eventos da geração subterrânea. Para acessá-los, use os qr codes:



[<https://www.instagram.com/wagneruarpeik>]

[<https://www.youtube.com/@lucasfortunato8327>]



Protestos do MPL | Avenida Salgado Filho e Câmara Municipal de Natal [RN] | autoria desconhecida.

PLENÁRIA

PELO PROJETO DE LEI DO
PASSE LIVRE ESTUDANTIL.

LOCAL: Grêmio estudantil
do CEFET.

DATA: 17/08/2006
(quinta-feira)

HORA: 17:00 horas

Apareça e participe
para assim construir
perspectivas de
mudanças sociais.



Movimento

Passe

Livre (MPL)

Cartaz de convocação de plenária do MPL | Natal-RN

Cidade de Natal

CENTRO PRAÇA KENNEDY É REINAUGURADA POR EMBAIXADORA

POLÍCIA SECRETÁRIO PEDE EXONERAÇÃO DE JORGE 'ABAFADOR'

DIÁRIO DE NATAL
CIDADES

NATAL, SÁBADO, 14 DE FEVEREIRO DE 2004
Edição: natalrn@diariodenatal.com.br

INCLUI ECONOMIA E ESPORTES

TEMPO EM NATAL
Inclui o sábado com duas opções e possível mudança total

MADE	10h47	11h33
ALTA	10h47	11h33
BAIXA	10h01	11h03
LUA	☽	
TEMPERATURA	☉	
Humidade	☁	
Pluviosidade	☔	
Maxima	21°C	
Minima	10°C	

Bairro do Mosquito, em Macaíba, voltou a ser inundado após mais uma cheia do rio Jundiá provocada pelas chuvas
PÁGINA 1

PASSE PARA PROTESTAR CONTRA INDEFINIÇÃO DE LEI NA CÂMARA, ESTUDANTES BLOQUEARAM BR-101 EM HORA DE PICO

Estudantes tumultuam trânsito

Se os vereadores não voltarem atrás, faremos manifestações assim todos os dias

Daniel Valença
Coordenador do DCEURRN

Continua a "quarta de feira" entre vereadores e os estudantes que aprovaram o Projeto de Lei que limita o uso de passe estudantil. Costumava ser usado para transporte de estudantes em manifestações intermunicipais e dentro da cidade. O projeto foi aprovado na Câmara Municipal de Natal, em sessão realizada no Shopping Via Digna, no bairro do Centro, na zona sul. Nos primeiros dez minutos de manifestação, os estudantes acenderam fogos em pontos bloqueando a via principal, mas, com a chegada do Batalhão de Choque da Polícia Militar, os estudantes recuaram e se concentraram na marginal da BR, onde permaneceram até às 13h, quando o trânsito foi liberado.

Os mais prejudicados com a manifestação foram os motoristas, que em pleno horário de pico, tiveram que ficar um tempo dentro do congestionamento de cerca de cinco quilômetros.

Segundo o coordenador do DCEURRN, Daniel Valença, a manifestação foi realizada para chamar a atenção da sociedade para a "violação dos direitos dos estudantes" promovida pela Câmara Municipal de Natal, quando aprovou o Projeto de Lei que limita o uso dos passes estudantis. "Se os vereadores não voltarem atrás e continuarem desrespeitando os direitos dos estudantes, nós faremos manifestações desse tipo todos os dias", afirmou o coordenador do DCEURRN.

Ele para o presidente do União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), Ramon Alves, o que provocou a revolta dos estudantes foi o fato de presidente da Câmara Municipal, Renato Diniz, não ter comparecido em cinco pontos pré-estabelecidos entre os estudantes e o vereador. "Desse ponto, o mais importante se refere ao controle do sistema de transporte urbano de Natal, que hoje está nas mãos da Setem e que deve ser feito pela Prefeitura, através da STTU", disse o militante.

Caso não sejam atendidos, os estudantes prometem uma nova manifestação para a próxima segunda-feira à tarde, novamente na avenida Salgado Filho.

Manifestantes bloquearam pista com pneus que depois foram incinerados, provocando engarrafamento quilômetros à frente

A SALINAS FAZ

Decisão do MEC afeta faculdade em Natal

A decisão do Ministério da Educação de suspender as homologações de cursos de graduação em Natal apenas a avaliação e autorização do MEC. Com isso, a faculdade de Natal não poderá iniciar os cursos.

Reportagem do jornal Diário de Natal sobre protesto estudantil contra decisão (do presidente da câmara de vereadores) a respeito dos transportes públicos | Natal-RN

◀ Capa do zine Intelecto Subterrâneo número 1 | Natal-RN



Evento político de estudantes de ciências sociais de universidades públicas nordestinas, organizado por estudantes potiguares | Setor 2 da UFRN [Natal-RN] | por Heloisa Fonseca